



## Experiências de pesquisa qualitativa nos territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos de Coromandel, Minas Gerais

*Qualitative research experiences in the traditional territories of diamond mining in Coromandel, Minas Gerais*

**Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves<sup>1</sup>**  
Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá.  
[ricardo.goncalves@ueg.br](mailto:ricardo.goncalves@ueg.br)

**Resumo:** A economia, a política e a cultura de Coromandel, localizado na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Ato Paranaíba, Minas Gerais, são historicamente influenciadas pelo garimpo de diamantes e o trabalho dos garimpeiros nos lugares de extrativismo desta pedra preciosa. Constituíram-se, assim, os territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos. Neles, o trabalho na terra dedicado a agricultura camponesa e também a extração de diamantes são indissociáveis da produção social da existência cotidiana. Por conseguinte, o objetivo deste artigo é demonstrar as experiências de pesquisa qualitativa que permitiram o contato direto e a análise geográfica destes territórios. Os procedimentos metodológicos que nortearam as investigações contaram com levantamento bibliográfico sobre o tema, pesquisa de campo, observação participante, diário de campo e entrevista. Nas últimas décadas, o garimpo de diamantes e as comunidades locais passaram por mudanças diante de novas formas de organização do trabalho e das resistências, que também compõem o que pretendemos demonstrar nesta pesquisa.

**Palavras-Chave:** Pesquisa qualitativa. Território. Garimpo de diamante.

**Abstract:** The economy, politics and culture of Coromandel, located in the Mesoregion of the Triângulo Mineiro e Ato Paranaíba, Minas Gerais, are historically influenced by the mining of diamonds and the work of miners in the places of extractivism of this precious stone. Thus, the traditional territories of the diamond mining were constituted. In them, work on the land dedicated to peasant agriculture and also the extraction of diamonds are inseparable from the social production of everyday existence. Therefore, the objective of this article is to demonstrate the qualitative research experiences that allowed the direct contact and the geographic analysis of these territories. The methodological procedures that guided the investigations included a bibliographical survey on the subject, field research, participant observation, field diary and interview. In recent decades, diamond mining and local communities have undergone changes in the face of new forms of work organization and resistance, which also make up what we intend to demonstrate in this research.

**Key Words:** Qualitative research. Territory. Diamond mining.

### Introdução

<sup>1</sup> Professor Doutor do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá. Membro dos Grupos de Pesquisas Trabalho, Território e Políticas Públicas (TRAPPU) e Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS).

O mais que se diz do garimpo, tanto na literatura quanto nos relatos da maioria dos que se envolveram na atividade, é a descrição de um ambiente com pessoas quase miseráveis num momento e no seguinte bafejadas pela sorte, para logo depois tornarem à condição anterior, incapazes na lida com a circunstância de milionários. “A água traz, a água leva”, resigna-se o garimpeiro. Com efeito, esse é um aspecto característico desses trabalhadores. No entanto, ao se fazer uma leitura mais dilatada do garimpeiro, encontra-se um ser humano complexo, cuja conduta é densa de valores que passam pela honestidade e a solidariedade, pela lealdade e a generosidade. Culturalmente, é supersticioso, fantasioso, para quem a boa ou a má sorte está sempre à espreita, pressagiada nos acontecidos insignificantes da vida. Constrói e carrega consigo uma série de conhecimentos, que se acumulam e são revividos cotidianamente, um ritmado permanente de práticas e re-aprendizagens. Dentre os seus conhecimentos, sabe enxergar as informações geológicas, distinguindo com maestria os sinais que podem levar ao diamante. O caldo resultante desses saberes aliados ao sonho é a esperança que o move, persistente, na busca da fortuna. Riqueza fácil, sonhos demais, é o que mais se diz! (SOUSA, 2011, p.1-2).

Localizado no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba – Minas Gerais, o município de Coromandel é um dos principais territórios de extrativismo diamantífero nesta Mesorregião. A influência do garimpo de diamantes é indissociável da formação territorial do município. Os garimpeiros aglutinam aspectos que compõem a economia, práticas territoriais, circulação simbólica e manifestações da cultura local, como a música, a memória, as histórias orais. Além disso, destaca-se a relação entre a terra e o garimpo enquanto substância da própria existência enredada pelo trabalho cotidiano.

Na pesquisa em Coromandel, o intercâmbio laboral entre a terra dedicada a agricultura e o garimpo de diamantes permitiu compreender os “territórios tradicionais de garimpagem diamantífera” (GONÇALVES, 2012). Uma das questões centrais que caracterizam esses territórios é o trabalho no garimpo e na terra como aglutinadores da existência. Eles estão localizados principalmente nos vales dos rios, onde se desenvolveram a agricultura camponesa e a prática do garimpo de diamantes. Além da proximidade com a água e solos férteis, que contribuem com a agricultura de auto-consumo, o fato desses terrenos serem diamantíferos instituem *territórios em disputa* e constantemente (re)apropriados pelas populações locais camponesas/garimpeiras e por interesses das empresas mineradoras.

Por conseguinte, o objetivo deste artigo é demonstrar as experiências de pesquisa qualitativa que permitiram o contato direto e a análise geográfica dos territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos de Coromandel. Os procedimentos metodológicos que nortearam as investigações foram técnicas como levantamento bibliográfico sobre o tema, pesquisa de

campo, observação participante, diário de campo e entrevistas. Ou seja, contou-se com contribuições de técnicas bastante disseminadas nas disciplinas de História, Antropologia e Geografia. Destaca-se ainda que parte dos resultados apresentados neste texto foram apreendidos ainda no mestrado concluído em 2012 e em pesquisas de campo entre 2012 e 2015. Para entender a importância dos procedimentos metodológicos que compõem as experiências abordadas no texto baseamos em pesquisadores como Geertz (2004, 1989), Brandão (2007, 2009), Malinowski (1986, 1997), Matos e Pessôa (2009), Thompson (1992).

Desde o início do século XIX, a economia, a política e a cultura em Coromandel são influenciadas diretamente pelo garimpo e o trabalho dos garimpeiros e camponeses que vivem na terra. Mas, assim como as águas dos rios e córregos onde foram extraídas as *pedras raras*, o movimento do real é contínuo, cavando sulcos profundos na realidade social em constante transformação. Nas últimas décadas, o garimpo de diamantes e as comunidades onde os garimpeiros e camponeses vivem e trabalham passaram por mudanças e novas dinâmicas (re)configuram os espaços, as formas de organização do trabalho e de resistência, com desdobramentos na produção dos territórios no município.

### **Técnicas de pesquisa qualitativa e os territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos**

Entre as técnicas utilizadas para adentrar os territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos destaca-se a pesquisa de campo. A pesquisa de campo consiste na fase do levantamento de informações onde os fenômenos ocorrem. Ela permite a inserção do pesquisador no movimento da realidade que se propõe a investigar. No entanto, ir a campo não é algo aleatório, exige lucidez e planejamento quanto aos objetivos e a escolha dos recursos a serem utilizados para a coleta de dados. Olhar e permear a organização social e cultural investigada com base em técnicas metodológicas (diário de campo, entrevistas etc.) definidas com antecipação é parte integrante e substancial da pesquisa de campo.

Malinowski (1986, 1997), um dos principais fundadores da antropologia social, propõe princípios metodológicos que contribuem para pensarmos o tema, a pesquisa de campo e o contato com os sujeitos e grupos sociais pesquisados. De acordo com esse autor, é preciso ser capaz de levantar problemas, ter claro os objetivos científicos e conhecer bem as teorias que embasam a pesquisa, viver por tempo determinado no local investigado (comunidade, bairro, aldeia etc.), observar as práticas cotidianas, registrar as informações em

diários de campo e tirar fotografias.

Desta forma, em Coromandel, por intermédio das experiências em campo, estabelecemos contato com os diversos sujeitos como garimpeiros, políticos e camponeses, permitindo a coleta de dados e informações da realidade, posteriormente organizados e interpretados na elaboração deste e outros artigos (GONÇALVES, 2016).

Geetz (1989), também contribui com a reflexão centrada na importância do trabalho de campo enquanto ofício da experiência pessoal do pesquisador em situar-se entre os sujeitos e espaços pesquisados. No texto *Estar lá, escrever aqui*, Geetz (1989, p. 58) diz que

A capacidade dos antropólogos de nos fazerem levar suas palavras tem menos a ver com a observação factual ou com um certo ar de elegância conceitual do que com a capacidade de nos convencerem de que o que dizem é o resultado de haverem realmente penetrado (ou, se quiserem, terem sido penetrados por) em outra forma de vida, de terem, de um modo ou de outro, verdadeiramente estado lá.

A análise de Geetz (1989) pode ser relacionada com a pesquisa desenvolvida junto aos garimpeiros de diamantes em Coromandel. No decurso do levantamento de informações considerou-se essencial a inserção do pesquisador nos espaços onde vivem e trabalham, neste caso, nos garimpos e comunidades camponesas. Desse modo, na pesquisa de campo também foi fundamental o exercício da pesquisa participante. Participar das ações cotidianas, observar e conversar com os sujeitos em seu trabalho ou na comunidade, ouvi-los e registrar as informações é um tipo de metodologia que amplia a percepção dos fenômenos na narrativa cotidiana dos acontecimentos. Por exemplo, Malinowski (1986, 1997) conviveu com o povo Mailu na Austrália e também nativos das ilhas Trobriand, e conheceu a cultura dos grupos que pesquisou. Antropólogos brasileiros como Darcy Ribeiro e Carlos Rodrigues Brandão também praticaram esse tipo de pesquisa em tribos indígenas e comunidades camponesas para então compor suas pesquisas.

Neste sentido, a pesquisa participante se exprime enquanto opção metodológica praticada na pesquisa de campo. Conforme Brandão (2009) não se pode “invadir” o mundo dos sujeitos sociais com uma atitude imediata de pesquisa. É importante viver um tempo (pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias ou até um mês) de contato direto com as pessoas. Brandão (2009) denomina essa técnica de “o primeiro nível do sentir”. O uso dessa metodologia nos garimpos em Coromandel permitiu conhecer profundamente os sujeitos e os territórios. Nesse processo de observação direta, a confecção do diário de campo também foi

fundamental para registrar as experiências vivenciadas pelo pesquisador. Com essa técnica foi possível descrever as percepções diante das paisagens percorridas, a forma como os garimpeiros e camponeses trabalham e se organizam.

Na pesquisa de campo as entrevistas também fortaleceram a interação com os sujeitos. Nos primeiros encontros com os informantes, optamos pelo uso da entrevista não-estruturada, de forma que se introduz um assunto e o entrevistado tem a liberdade de discorrer sobre a questão posta. De acordo com Matos e Pessoa (2009) a entrevista não-estruturada tem por objetivo a exploração intensa do assunto, dando ao entrevistado liberdade para falar do tema. Esse é o momento em que estávamos inicialmente conhecendo os lugares e os pesquisados.

Com o reconhecimento detalhado da área e dos sujeitos, priorizamos o uso de entrevistas semi-estruturadas. Matos e Pessoa (2009) evidenciam que esse tipo de entrevista é recomendado, porque possibilita a obtenção de informações além das previstas. Além disso, exige um planejamento para o seu desenvolvimento criterioso. Na relação com os entrevistados, determinado questionamento pode abrir espaço para que eles possam falar ou complementar informações relacionadas à pesquisa. No decorrer das entrevistas, reconhecer os momentos do silêncio e de fazer as perguntas foi essencial, pois, “quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas” (THOMPSON, 1992, p. 254).

Ter definido previamente esses procedimentos metodológicos tornou possível adentrar os territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos. Sendo assim, para proceder da pesquisa de campo nos garimpos e comunidades camponesas, a compreensão teórica e metodológica dos procedimentos qualitativos – e o exercício prático dos mesmos - foi capaz de afirmar o entendimento das relações de trabalho e dos saberes tradicionais dos garimpeiros e camponeses.

### **A vida na terra e no garimpo: ser camponês e garimpeiro**

O garimpeiro e seu ambiente de trabalho, o garimpo, são historicamente relacionados a conflitos, aventura, mobilidade espacial, alcoolismo, prostituição, assassinatos e degradação do ambiente. Essa é uma imagem grafada no imaginário popular e predominante principalmente nos garimpos de ouro na Amazônia e regiões de fronteiras. No entanto, a garimpagem que se desenvolveu em Coromandel caracteriza-se pela presença de sujeitos da

própria região, principalmente camponeses e trabalhadores da terra que vivem nas comunidades locais. Neste sentido, Póvoa Neto (1998) diferencia os conceitos de “garimpagem residual” e “garimpagem pioneira”. Enquanto a “garimpagem pioneira” simboliza a intensa mobilidade de garimpeiros, expansão de fronteiras, ocupação de novos garimpos ou de locais adjacentes, a “garimpagem residual” expressa fenômenos diferenciados, como a vida na terra e no garimpo para garantir meios de sobrevivência e trabalho. Há um enraizamento dos sujeitos nos espaços onde vivem e trabalham.

No município de Coromandel, a presença de camponeses e garimpeiros vivendo na *terra de trabalho* expressa características predominantes que se assemelham com a “garimpagem residual.” São sujeitos que vivem na terra e possuem um vínculo identitário com os espaços onde residem. Por isso, o controle social do território e dos recursos naturais como os rios, o subsolo e a terra, é essencial para a sobrevivência e produção das condições de trabalho e autoconsumo das famílias camponesas. Pode-se afirmar que “al control social del territorio y los recursos naturales es como una precondition para la sobrevivência, recreación y fortalecimiento de la cultura” (ESCOBAR, 2010, p. 249).

Na pesquisa, as entrevistas com garimpeiros e camponeses, e a partir dos momentos experienciados pela pesquisa participante na realidade de cada sujeito, percebemos que os conhecimentos que compõem o trabalho cotidiano na terra ou no garimpo se dialogam. Há um conhecimento inscrito na vida e no trabalho de cada um, expressando *saberes-fazeres* diversos. Como afirma Porto- Gonçalves (2006, p. 119) “não há trabalho que não implique um saber-fazer, que não implique conhecimento, mesmo o trabalho manual. Um pescador pode não saber falar e escrever sobre a pesca, mas, com certeza, sabe pescar, caso contrário não seria pescador”. Isso também faz parte do trabalho dos garimpeiros, há um *saber-fazer* próprio do garimpo, mediado pela relação metabólica deles com a natureza.

No entanto, a vida na terra de trabalho para muitos camponeses já não conta com o garimpo como complemento na renda familiar ou possibilidade de enriquecimento através do *bamburro*<sup>2</sup>. Esse processo esbarra em questões como o acirramento da legislação ambiental e minerária. O garimpo de diamantes, praticado historicamente em todo o município, sempre despertou o interesse dos camponeses. Por isso, o processo de interdição de garimpos a partir

---

<sup>2</sup> O *bamburro* geralmente é o sonho do garimpeiro, o objetivo que, conforme suas próprias palavras, pode justificar toda uma longa série de trabalho e dificuldades atravessadas até que se alcance algum resultado significativo, *mudar a vida com a virada da peneira*.



dos anos 1990 reverberou na vida, nas relações com a terra e despertou a mobilização coletiva. A ação de empresas e apropriação dos garimpos e espaços habitados por camponeses reuniram esses sujeitos em torno de estratégias organizativas em defesa do território e do trabalho, como sindicatos e cooperativas.

Por outro lado, muitos camponeses também abandonaram o campo, alguns venderam a propriedade e foram para a cidade. Na conversa com alguns deles, desempregados ou vivendo de aposentadoria, percebemos que a memória do trabalho na terra é indissociável do labor no garimpo. “*A gente vivia na roça, plantava, colhia e no tempo vago ia para o garimpo arriscar a sorte, hoje lembramos desse tempo e sentimos saudade*”, disse um entrevistado.

Diante dessas mudanças também permanecem rugosidades, práticas socioculturais, sujeitos que (Re)Existem com seus *saberes-fazeres*. A pesquisa também buscou mostrar isso, as transformações e permanências, tramas e rupturas que dinamizam os territórios e “as vidas que vivem e os mundos que criam para viver e compartilhar natural-e-culturalmente as suas vidas” (BRANDÃO, 2009, p. 16).

Para compreender as relações de trabalho dos garimpeiros, os saberes e as sociabilidades construídas por eles, foram necessárias entrevistas e pesquisa de campo participativa nos territórios tradicionais do garimpo durante várias visitas e dias seguidos de experiências exploratórias. Os territórios tradicionais do garimpo não se limitam à garimpagem de diamantes, eles abrangem as comunidades camponesas, pequenas propriedades onde vivem famílias de *trabalhadores da terra*, alguns já foram garimpeiros outros não. Desta forma, apropriados pela atividade garimpeira esses espaços forjam territórios, permeados por conflitos (muitas vezes ocultos) e interesses diversos, mas também por símbolos e significados que envolvem o labor na terra e nos garimpos localizados principalmente nos vales dos rios e córregos.

Uma característica fundamental do que se entende por territórios tradicionais do garimpo são as pequenas propriedades e a vida na terra como camponeses que produzem para o auto-consumo e venda do excedente. Nesses territórios também já existiram ou ainda há garimpos. Com a interdição de garimpos ilegais, alguns venderam a propriedade, outros continuam alimentando o interesse em voltar a garimpar e por isto permanecem na terra. “*Estou com a terra aí e não vendo, porque tem garimpo. Trabalhou pega mesmo, não sabe se é hoje, amanhã ou daqui a 30 anos. Aí tem diamante até debaixo do chão vermelho do Cerrado. A esperança é pegar, tirar o pé do atoleiro mesmo.*” Ser camponês e garimpar, a

vida na terra em terrenos diamantíferos evidencia múltiplas expressões do trabalho. “*Muitas pessoas são donas da terra e é garimpeiro também, eles batem peneira*”, afirma o mesmo entrevistado. Várias famílias camponesas vivem em propriedades cujos solos possuem cascalhos diamantíferos. À vista disto, na mesma terra que plantam e colhem, há o interesse em garimpar, revolver o solo pra tirar o cascalho, prometedor de grandes pedras. Alguns também plantam roça de milho, feijão ou arroz próximo aos terrenos diamantinos.

Em muitos momentos da vida, esses sujeitos *arriscaram a sorte* nos garimpos. Também havia aqueles que na seca garimpavam e no período de chuvas plantavam roças, conforme a sazonalidade do clima. Neste sentido, afirmaram que “*muitos garimpeiros só trabalhavam na época da seca, quando chegavam as chuvas iam plantar roça. Chovia demais, dava enchente nos rios. Era só buraco e barro no garimpo. Nas águas nós lavrávamos a terra plantando. Quando colhia já era época de seca, enchia o carro de boi de mantimentos e ia para o garimpo de novo*”. Na vida no campo, a relação entre garimpo e a terra é comum, como disse outro entrevistado, “*Homem do campo, ele mexe com uma coisa e outra, experimenta a sorte de todo tipo, tem o tempo de garimpar, e o tempo da roça. Quase todo garimpeiro sabe mexer com roça.*”

Como pode ser observado, a vida na terra em Coromandel envolve a relação com o garimpo, os saberes-fazeres na lida com a terra, água ou a fauna e flora do Cerrado, benzeções, festas, folias de reis, histórias que permeiam os territórios e as paisagens das comunidades e garimpos. Desde a década de 1990, esses aspectos se deparam com as estratégias territorializados pelas empresas de mineração e as mudanças nas relações de trabalho e das condições de produção social da existência, gerando movimentos organizados, resistências e mobilizações coletivas em torno dos interesses que envolvem a permanência na terra e no garimpo de diamantes no município.

Nos últimos anos, a atividade extrativa de diamantes, praticada por garimpeiros e camponeses que vivem em comunidades de Coromandel vem sofrendo diversas pressões diante da territorialização do capital através de empresas nacionais e transnacionais de mineração de diamantes que controlam o subsolo, que de acordo com a legislação brasileira, configura-se como propriedade da União (Art. 20 da Constituição Federal de 1988). Essa ofensiva, que atinge comunidades e populações no município demonstra como “os lugares estão sendo progressivamente submetidos às operações do capital global” (ESCOBAR, 2005, p. 143).



Contraditoriamente, as ações do capital apropriando saberes, terras, minérios e outros recursos naturais, também se deparam com as organizações dos trabalhadores e comunidades, que se mobilizam e somam forças em defesas dos territórios e na construção de alternativas frente às ofensivas do capitalismo. No entanto, os discursos hegemônicos dificilmente aceitam essas experiências, como se nada pudesse ser imaginado fora do circuito capitalista.

O capitalismo foi investido de tal predominância e hegemonia que se tornou impossível pensar a realidade social de outra maneira, muito menos imaginar a supressão do capitalismo; todas as outras realidades (economias de subsistência, economias biodiversificadas, formas de resistência do Terceiro Mundo, cooperativas e iniciativas locais menores) são vistas como opostas, subordinadas ao capitalismo ou complementares a ele, nunca como fontes de uma diferença econômica significativa. (ESCOBAR, 2005, p. 143).

Escobar (2005) ao estudar comunidades negras na Colômbia desconstrói esse discurso e demonstra que novas experiências de lutas e resistências estão em curso na América Latina e no mundo. O mesmo autor pontua que diante deste cenário é preciso refletir sobre conceitos fundamentais como território, desenvolvimento e práticas tradicionais de produção e usos dos recursos naturais, que reforçam a capacidade organizativa das comunidades, capazes de reconstruir e reafirmar sua identidade na luta por novos direitos sociais, políticos e econômicos. Além disso, direitos territoriais cada vez mais ameaçados pelo capital e seus agentes como empresas nacionais e transnacionais de mineração, agronegócio ou grandes projetos de abertura de portos, ferrovias e hidrelétricas.

Assim, as reações dos garimpeiros e camponeses em torno do garimpo em Coromandel permitem cartografar a construção de processos de mobilização social que anunciam ações coletivas pela defesa dos recursos naturais, do meio ambiente e por direitos negados, constituindo uma espécie de identificação coletiva. A defesa dos territórios também demonstra que “não há indivíduo ou grupo social sem território, quer dizer, sem relação de dominação e/ou apropriação do espaço, seja ela de caráter predominantemente material ou simbólico” (HAESBAERT, 2004, p. 339)

De modo efetivo, a partir da década de 2000, a ação do capital nacional e transnacional através das empresas de mineração se conjuminou com a atuação dos órgãos ambientais nos garimpos de Coromandel, com aplicação generalizada de multas, reverberando na paralisação da atividade e fiscalização ambiental rigorosa. Essa nova condição alterou a ação política e as formas de resistência, culminando na organização de Sindicato, associação e cooperativa de

garimpeiros. Diante deste cenário, formaram a Cooperativa dos Garimpeiros de Coromandel e Região (COOPERGAC), o Sindicato dos Garimpeiros de Coromandel e Região (SINDIGAC), e a Associação dos Garimpeiros de Coromandel, que passaram a atuar em diversas frentes, como a legalização dos garimpos - ou seja, cumprir as leis ambientais e minerárias - intervindo em questões ambientais, termos de ajustamento de conduta, além de colocar na mira da crítica a apropriação e controle dos registros de subsolo e dos territórios no município. A organização coletiva desses trabalhadores e a formação da cooperativa, associação e sindicato tornaram-se um elemento basilar na luta política e na significação das resistências para continuar nos territórios da vida e também nos ambientes de trabalho, neste caso o garimpo e a terra.

Os garimpos passaram a ser organizados em cooperativas ou a partir de investidores privados. Os garimpeiros, apesar de não povoar mais os garimpos como antes, significando os territórios e a cultura em Coromandel. São peças simbólicas de representação que enlevam o município como “terra dos diamantes”. Além disso, a intenção foi se esforçar para deixar elucidadas as experiências de pesquisa qualitativa que admitiram demonstrar que em Coromandel há aspectos singulares da garimpagem, os camponeses que historicamente vivem na terra e nas comunidades campesinas geralmente são os mesmos sujeitos que ao longo dos anos praticaram a garimpagem. Possuem vínculos com a terra, e por isso, quando se viram ameaçados de expropriação, resistiram em defesa dos territórios.

### **Considerações finais**

Neste artigo, demonstrou-se que nos territórios tradicionais dos garimpos diamantíferos, a produção social existência dos garimpeiros e camponeses compreende a relação com a terra, água e subsolo (diamantes) como condição de permanência nas comunidades onde vivem. Nos últimos anos esses sujeitos e os lugares de vivência e trabalho têm sido impactados pela apropriação e controle do subsolo por empresas nacionais e transnacionais de mineração diamantífera. Acentua-se ainda as modificações técnicas e tecnológicas nas relações de produção e trabalho, com a presença de empresas privadas e cooperativas de garimpeiros atuando no extrativismo de diamantes. Sem embargo, as representações sociais sobre os garimpos, garimpeiros e diamantes circulam na sociedade, influem na memória, na música e na literatura. São indissociáveis da história e da cultura de

Coromandel.

Destarte, os resultados apresentados contaram com reflexões referenciadas nas contribuições dos estudos sobre metodologias qualitativas. Ao longo das experiências de campo com populações camponesas e de garimpeiros foi possível aglutinar as dimensões teóricas, metodológicas e políticas na análise científica. Do ponto de vista teórico, o acesso a autores como Escobar (2005, 2010) e também diálogos com pesquisadores como Geertz (2004, 1989), Brandão (2009), Malinowski (1986, 1997). Quanto ao aspecto metodológico, o estudo permitiu repensar as ações investigativas no âmbito de procedimentos qualitativos como pesquisa de campo, observação participante, entrevistas e diários de campo. Por consequência, atentou-se para as contribuições destas técnicas no âmbito da leitura geográfica dos territórios. E por último, a dimensão política, ou seja, desvelar as contradições e conflitos vivenciados por sujeitos historicamente expropriadas dos territórios, que presenciam crescente agressão a dignidade e desmontagem de direitos. Assim sendo, pontua-se que a própria escolha de determinada pesquisa, dos caminhos metodológicos, do método e dos sujeitos que propomos a compreender é também uma opção política.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. “**No Rancho Fundo**”: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.10, n.001, p. 11-27, 2007.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

ESCOBAR, A. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. pp.133-168.

\_\_\_\_\_. **Territorios de diferencia: lugar, movimientos, vida, redes**. 2010. Disponível em: <[www.ram-wan.net/restrepo/documentos/Territorios.pdf](http://www.ram-wan.net/restrepo/documentos/Territorios.pdf)>. Acesso em 26 de Nov./2015.

GEERTZ, C. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v.22, n.3, p. 58-63, 1989.

\_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. Zahar: Rio de Janeiro, 2004.

GONÇALVES, R, J. de A. F. **A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização**

do território e do trabalho no município de Coromandel-MG. 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFG, Catalão-GO, 2012.

\_\_\_\_\_. A vida pode mudar com a virada da peneira: território e trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel - Minas Gerais. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia v. 17, n. 59, p. 177–206, Setembro, 2016.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MALINOWSKI B. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record; 1997.

\_\_\_\_\_. **A teoria funcional**. Editora Ática: São Paulo, 1986.

MATOS, F. de M.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p.279-292.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PÓVOA NETO, H. **No caminho das pedras**: itinerários na formação da mobilidade garimpeira em Goiás. 1998. 363 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SOUSA, J. L. V. de. Pobres garimpeiros de riqueza: a geografia dos diamantes em Três Ranchos – Goiás. ENANPEGE, IX, **Anais...**, Goiânia: ANPEGE, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Recebido para publicação em outubro de 2016  
Aprovado para publicação em dezembro de 2016